



Mano que vem  
a inspiração:  
de plástico e vidro  
nosso trabalho  
Adição, a obra  
O Trabalho  
E São — brilha  
Forma de espálio  
com espelho de  
cada coisa,  
que possui  
a intenção  
de observar



# O LIXO É UM LUXO!

PALITOS, GARRAFAS DE PLÁSTICO,  
VIDROS, GRAMPOS DE CABELO,  
TUDO PODE VIRAR JOIA NAS MÃOS  
DA DESIGNER MANA BERNARDES

POR ELIZABETE ANTUNES  
FOTOS MARCELO CORREA



**E**LA É BONITA, JOVEM, CRIATIVA, MAS, ENTRE TODAS AS características, a que mais chama a atenção na carioca Mana Bernardes é a sua capacidade de ver beleza onde poucos conseguiriam vê-la. Quando seus olhos azuis batem em um objeto banal como um mexedor de café desses de plástico, por exemplo, ela não enxerga nele apenas a sua utilidade fugaz. Esquadrinha a forma, a transparência, o brilho. E aquilo vira matéria-prima de sua arte.

A mesma coisa pode acontecer com um palito de dente. Que tal esperar nele uma pérola? Seria aproveitamento? Pois Mana, aos 24 anos, é mesmo atrevida. E nas suas mãos o palito se transforma em jóia. Se alguém chamar de bijuteria ela estrala. "Neste século XXI, tudo o que a gente trata com carinho é jóia", diz.

E assim ela segue, agregando valor a materiais que achia no lixo, na rua, na feira. Mas nem sempre se contenta com o que está disponível. Certa vez se interessou pelo saquinho de plástico rentado que embalava os limões no supermercado, mas não gostou da cor amarela. Ela os queira laranças. Foi atrás da fábrica e acabou conseguindo criar uma delicada bragaçeira com strass. "Vou usá-la quando me casar", planeja. Os milhares de saquinhos que solbraram viraram pulseis na sala de seu apartamento, no Jardim Botânico, no Rio.

Neta de um arquiteto — Sérgio Bernardes, famoso por obras como o Centro de Convenções de Brasília — e filha de um cineasta e de uma artista plástica e terapeuta, Mana teve a quem apoiar. E desde cedo se interessou pela arte. Aos 7 anos visitou com o pai uma aldeia de índios pataxós, na Bahia. "Minha cabeça não parava de rodar ao vê-los fazendo aqueles colares com sementes." Garthou uma caixa de cortias do pai e desandou a criar. Em 1994, aos 12 anos, assinava as tiras usadas pela atriz Leticia Spillier na novela *Quatro por Quatro*, da rede Globo.

No alto: um detalhe do vídeoarte *Conectar-se pelo Cordão*. *Arquivo*. Manuseio: vála de pulcões e penhas.



NESTE SÉCULO XXI, TUDO O QUE A GENTE TRATA COM CARINHO É JÓIA.



Mas Mana, cujo nome foi importado da Havaí pelo pai e, segundo ela, significa energia vital, não parou nos adereços — embora não pense em abandonar os. "Meu compromisso é com a forma, com a poesia", fala.

Convidada pela Fundação Cartier, em Paris, já mostrou aos franceses sua obra *Conectar-se pelo Cordão*, um vídeoarte da chamada *vidéovite*, no qual simula um grande colar de gente. "Fotografei um monte de pessoas, gordinhos, magrinhos. Depois, no computador, só um por um cordão umbilical." A obra, que tem sete minutos de duração, agradou a editora da revista inglesa *I/D*, que a exibiu em Londres, Nova York, Pequim, Hong Kong e Tóquio, na exposição dos 25 anos da publicação. Mana ainda faz poemas — um deles foi publicado na inglesa *Space Magazine* — e dá aulas em projetos sociais, onde procura ensinar — se e que isso é possível — seu processo criativo. "Tenho uma fatura de ideias", diz. Dissó ninguém dúvida. #

MANA BERNARDES: CANTO/ALBERTO FERRETTI/ALGEMAR/ALBERTO FERRETTI



Em ação, as peças produzidas no atelier de Mana Bernardes são: *Quatro por Quatro*, *40 Gramas* e *Vô, no Rio*, e *Capoeira Fêmea*, *Caça, Zona D'Ocidental*, em São Paulo.



Quatro por Quatro  
Mana Bernardes  
gramas de cabelo,  
gentileza (PCT)  
manuseio de plástico  
e laranja (manuseio)  
efeitos comparados  
de arte indígena  
ou futurista